“Não é mais sobre o que eu deixei para trás, mas sobre o que ainda me persegue.”

Prólogo

“Depois do eco, o silêncio também fala.”

Dizem que todo fim é um novo começo.
Mas ninguém avisa que alguns começos doem mais do que os finais.

O primeiro Último Legado terminou quando eu achei que tinha encontrado paz.
A verdade é que eu só tinha encontrado fôlego.
A vida não parou. Ela só esperou eu respirar pra me testar de novo.

Hoje escrevo sem a urgência de quem sangra — escrevo como quem observa a cicatriz,
não pra lamentar, mas pra entender o que ela quis dizer.

Muita coisa mudou desde aquele ponto final.
Os dias ficaram mais longos, o corpo mais cansado, os sonhos mais calmos.
Mas dentro de mim, ainda existe aquele garoto das vacas imaginárias,
aquele soldado que aprendeu a dormir em alerta,
aquele pai que tenta acertar, errando menos do que ontem.

A diferença é que agora eu olho pra trás sem raiva.
Não quero apagar o que fui — quero só entender quem sou depois de tudo isso.

Este livro não é uma continuação. É uma confissão tardia.
Sobre o que o tempo levou, o que ele devolveu,
e o que aprendi a deixar ir sem que doesse tanto.

Ainda carrego o nome, o sangue e os fantasmas.
Mas também carrego o amor, o propósito e o peso leve de saber que não preciso provar mais nada.

O Último Legado II nasce do silêncio —

do intervalo entre o homem que escreveu para sobreviver
e o homem que agora escreve para permanecer.

Se o primeiro livro foi o grito,
este é o eco.

Se o primeiro foi sobre o que eu vivi,
este é sobre o que eu compreendi.

Porque viver foi minha revolta.
Mas entender… entender é o meu legado final.

Leonardo Silveira Paines
Santa Maria, RS — 2026

Capítulo 1

“O homem depois do espelho”

O problema de escrever sobre a própria vida é que, cedo ou tarde, o espelho começa a responder.
E o que ele diz nem sempre é bonito.

No começo, eu achava que me conhecer era o mesmo que me entender.
Hoje sei que são coisas completamente diferentes.
Conhecer é lembrar.
Entender é perdoar.

E perdoar a si mesmo — esse é o tipo de diploma que não vem com canudo.

Depois do Último Legado I, eu parei. Parei de tentar explicar minhas dores.
Deixei de responder mensagens, de alimentar redes, de provar que estava bem.
Descobri que o silêncio não é ausência — é presença de paz.

Nos dias bons, acordo cedo, tomo café devagar e assisto o sol atravessar a janela da cozinha.
Nos ruins, só levanto porque minha filha ainda precisa me ver de pé.
E talvez isso seja o que me mantém humano: saber que ainda sirvo pra alguma coisa.

O trabalho virou rotina, e a rotina virou remédio.
A Paine’s Records continua viva, mesmo que às vezes eu tenha vontade de deixá-la adormecer.
É estranho… criar algo tão ligado à própria alma e ver que, quanto mais ela cresce, mais você precisa se esvaziar pra caber dentro dela.

> Eu já quis ser lembrado.
Agora só quero ser compreendido.

A fama nunca foi o objetivo.
Mas confesso: a ideia de deixar um rastro ainda me assombra.
Talvez porque eu sei o quanto o esquecimento é cruel.
Não com o nome — com o sentido.
Ser esquecido não é desaparecer dos outros, é desaparecer de si.

Então escrevo.
Mesmo que ninguém leia.
Mesmo que nunca publiquem.
Mesmo que, um dia, este texto acabe esquecido em algum HD, entre arquivos que ninguém abrirá.
Escrevo porque cada palavra que coloco no papel é uma conversa que eu ainda não consegui ter comigo.

O espelho, aquele mesmo que me encarava durante o primeiro livro, agora parece mais calmo.
Menos acusador.
Talvez porque finalmente entendeu que eu fiz o melhor que pude com o que tinha.

E, pela primeira vez em muito tempo, eu também entendi isso.

Não sou mais o garoto das ruínas.
Nem o soldado das madrugadas.
Nem o escritor faminto por sentido.

Sou só um homem.
Com um passado que ainda dói e um futuro que ainda me assusta.
Mas entre eles, há o presente — e é nele que, devagar, estou aprendendo a morar.

Capítulo 2

“O silêncio e os fantasmas”

Há um tipo de fantasma que não aparece em filmes.
Ele não arrasta correntes, não bate portas, não apaga luzes.
Ele só senta ao teu lado quando o mundo dorme e sussurra o que você não quer lembrar.

Esses são os meus.

Eu os carrego desde sempre — uns têm nome, outros têm rosto.
Alguns ainda doem, outros só observam.
Mas todos me lembram do que fui e do que ainda preciso entender.

O silêncio me ensinou a conversar com eles.
Antes, eu tentava abafar as vozes com barulho — música alta, trabalho, gente.
Hoje, eu as ouço.
Porque percebi que os fantasmas não querem te assombrar. Querem ser ouvidos.

Às vezes é o meu pai, me perguntando se eu finalmente entendi o que é ser homem.
Respondo que ainda estou aprendendo. Que força não é gritar, é continuar.

Outras vezes é minha avó.
Ela não fala nada — só aparece nas lembranças de cheiro de café e pão quente.
E, por algum motivo, sempre que penso nela, sinto vontade de tentar de novo.

Tem também os que eu mesmo criei:
as culpas, os arrependimentos, os “e se”.
Esses não pedem perdão — exigem.
E talvez por isso sejam os mais difíceis de deixar ir.

> A verdade é que, no fim, a gente não supera nada.
A gente só aprende a conviver com o que ficou.

Aprendi a transformar memórias em matéria-prima.
Cada lembrança é um tijolo, e com eles construo abrigo.
Mas às vezes, mesmo as casas que a gente constrói dentro da alma, desabam com o tempo.
E tudo bem.
Porque algumas ruínas servem pra nos lembrar de onde viemos.

Nos dias em que o peso aumenta, eu caminho até o mesmo lugar onde enterrei o cachorro que tive aos nove anos.
Ali, sentado no chão, lembro do que é a lealdade.
E choro.
Não de dor — de gratidão.

O silêncio é o único amigo que nunca me deixou.
Ele não me julga, não me apressa, não me pede sorrisos.
Ele apenas existe.
E dentro dele, encontro o que o mundo esqueceu:
a simplicidade de sentir.

Hoje, meus fantasmas já não me assustam.
Eles me acompanham.
Às vezes, até me ajudam a escrever.
E talvez seja isso que me torna diferente — eu não quero apagá-los.
Quero só que aprendam, comigo, a descansar.

Capítulo 3

“O amor depois da tempestade”

Há um momento, depois de muita dor, em que o coração desaprende a acreditar.
Ele se torna uma fortaleza silenciosa:
portas trancadas, janelas fechadas, placas de “não entre” penduradas na alma.

Mas a vida — essa artesã teimosa — sempre encontra uma brecha.
E, quando menos esperas, o sol entra pelas frestas.

Foi assim comigo.

Não sei dizer o dia exato.
Nem o motivo.
Só sei que, de repente, eu estava sorrindo de novo — e o sorriso não era obrigação.

Depois de tanto construir muros, alguém apareceu e me ensinou a reconstruir pontes.
Sem prometer eternidade.
Sem fingir perfeição.
Só ficando.

> O amor, descobri, não é o que cura.
É o que nos lembra que ainda vale a pena tentar.

Eu já tinha amado antes.
Mas esse amor novo era diferente.
Não nasceu da necessidade, mas da paz.
Não veio pra preencher vazios — veio pra dividir o espaço.

Ela chegou com calma,

sem querer apagar ninguém que veio antes,
sem medo das minhas cicatrizes.
E talvez por isso tenha ficado.

Com ela, aprendi que carinho não é luxo.
É linguagem.
E que o amor maduro é aquele que não precisa de palco —
se basta no cotidiano, nas pequenas coisas,
na rotina que o mundo julga banal,
mas que, pra quem já viveu o caos, é o maior presente.

Nos dias frios, fazemos café e falamos sobre o futuro.
Nos dias quentes, ficamos em silêncio,
porque o silêncio entre dois que se entendem é quase música.

Eu, que um dia prometi nunca mais amar,
descobri que o amor não é uma escolha racional.
É um retorno inevitável àquilo que nos faz humanos.

E não — não é sobre dependência.
É sobre parceria.
Sobre olhar alguém nos olhos e pensar:
“finalmente não preciso ser mais nada além do que já sou.”

Hoje, não sei o que o destino reserva.
Mas aprendi que nem todo amor precisa durar pra ser verdadeiro.
Alguns só vêm pra nos lembrar que o coração ainda pulsa,
e que, mesmo depois de todas as tempestades,
ainda há abrigo possível.

E isso, pra mim, já é milagre suficiente.

Capítulo 4

“A herança invisível”

Durante muito tempo, eu achei que o legado era aquilo que a gente constrói com as mãos.
Os livros, as ideias, os projetos, os nomes em registros antigos.
Mas o tempo — esse professor que não dá aula, só prova — me mostrou que o verdadeiro legado é o que não se pode tocar.

Minha filha está crescendo.
E com ela, cresce também a minha consciência de que quase tudo o que eu fizer, ela vai sentir — mesmo sem entender.
O tom da minha voz.
O jeito como olho o mundo.
A maneira como lido com o que dói.
Tudo isso é ensinamento, ainda que sem palavras.

> Os filhos não herdam o que dizemos.
Herdam o que somos quando achamos que ninguém está vendo.

E isso me assusta.
Porque não quero que ela leve comigo as minhas sombras — quero que leve a luz que consegui arrancar delas.

Ser pai é um exercício de humildade.
É entender que o amor não te torna dono, te torna espelho.
E que, às vezes, o reflexo te ensina mais do que o olhar.

Quando olho pra ela, vejo tudo o que ainda posso ser.
Vejo o recomeço que não tive.
E, de algum modo, isso cura partes de mim que eu nem sabia que ainda estavam abertas.

Outro dia ela me perguntou:

“Pai, o que tu vai deixar pro mundo quando morrer?”

Pensei em responder “meus livros”.
Mas calei.
Porque percebi que o que eu realmente quero deixar…
é ela.

O jeito como ela vai tratar os outros.
As escolhas que vai fazer.
A coragem que vai ter de ser quem é — mesmo quando o mundo disser pra não ser.
Essa é a minha herança invisível.

E não se trata só dela.
É sobre todo gesto que plantamos em silêncio.
Toda palavra dita com sinceridade.
Todo perdão que oferecemos, mesmo sem resposta.
Tudo isso são sementes que germinam em lugares que nunca veremos.

Hoje, quando escrevo, já não penso em leitores.
Penso em ecos.
No que as palavras podem causar quando não estou mais aqui.
Na forma como alguém, um dia, talvez leia essas linhas e decida não desistir.

O verdadeiro legado, percebo agora,
não é ser lembrado.
É ter feito diferença.

E se um dia minha filha, lendo tudo isso, entender que o amor é o maior ato de coragem que existe…
então tudo, absolutamente tudo, já terá valido a pena.

Capítulo 4

“A herança invisível”

Durante muito tempo, eu achei que o legado era aquilo que a gente constrói com as mãos.
Os livros, as ideias, os projetos, os nomes em registros antigos.
Mas o tempo — esse professor que não dá aula, só prova — me mostrou que o verdadeiro legado é o que não se pode tocar.

Minha filha está crescendo.
E com ela, cresce também a minha consciência de que quase tudo o que eu fizer, ela vai sentir — mesmo sem entender.
O tom da minha voz.

O jeito como olho o mundo.
A maneira como lido com o que dói.
Tudo isso é ensinamento, ainda que sem palavras.

> Os filhos não herdam o que dizemos.
Herdam o que somos quando achamos que ninguém está vendo.

E isso me assusta.
Porque não quero que ela leve comigo as minhas sombras — quero que leve a luz que consegui arrancar delas.

Ser pai é um exercício de humildade.
É entender que o amor não te torna dono, te torna espelho.
E que, às vezes, o reflexo te ensina mais do que o olhar.

Quando olho pra ela, vejo tudo o que ainda posso ser.
Vejo o recomeço que não tive.
E, de algum modo, isso cura partes de mim que eu nem sabia que ainda estavam abertas.

Outro dia ela me perguntou:
“Pai, o que tu vai deixar pro mundo quando morrer?”

Pensei em responder “meus livros”.
Mas calei.
Porque percebi que o que eu realmente quero deixar…
é ela.

O jeito como ela vai tratar os outros.
As escolhas que vai fazer.
A coragem que vai ter de ser quem é — mesmo quando o mundo disser pra não ser.
Essa é a minha herança invisível.

E não se trata só dela.

É sobre todo gesto que plantamos em silêncio.
Toda palavra dita com sinceridade.
Todo perdão que oferecemos, mesmo sem resposta.
Tudo isso são sementes que germinam em lugares que nunca veremos.

Hoje, quando escrevo, já não penso em leitores.
Penso em ecos.
No que as palavras podem causar quando não estou mais aqui.
Na forma como alguém, um dia, talvez leia essas linhas e decida não desistir.

O verdadeiro legado, percebo agora,
não é ser lembrado.
É ter feito diferença.

E se um dia minha filha, lendo tudo isso, entender que o amor é o maior ato de coragem que existe…
então tudo, absolutamente tudo, já terá valido a pena.

Capítulo 5

“Entre o passado e o amanhã”

Sempre vivi entre extremos.
Ou eu estava fugindo do passado, ou tentando antecipar o futuro.
Mas ninguém me ensinou a morar no meio — esse território frágil chamado presente.

Demorei quase trinta anos pra entender que o tempo não é uma linha reta.
É um círculo.
E volta. Sempre volta.
Com rostos, vozes e lembranças que jurávamos ter superado.
Mas dessa vez, quando o círculo se fechou, eu não corri.
Eu fiquei.

Ficar, pra mim, sempre foi mais difícil que partir.
Partir era controle. Ficar era vulnerabilidade.
Mas há uma beleza em permanecer, mesmo quando a mente pede fuga.
Porque é ali, no desconforto, que a gente finalmente se reconhece.

> O passado é um mestre que ensina com tapas.
O futuro é um aluno que nunca presta atenção.
E o presente… é o intervalo entre os dois, onde a vida realmente acontece.

Tenho visitado menos os meus fantasmas e mais os meus planos.
Não planos grandiosos — só os simples.
Fazer o almoço de domingo, ligar pra alguém que ficou no caminho, terminar um livro que comecei há meses.

Hoje, percebo que o sentido das coisas não está nas grandes conquistas,
mas no que se mantém quando ninguém está aplaudindo.

Ainda escrevo, claro.
Mas escrevo devagar.
Cada frase é um passo num chão que agora sei que não vai ruir.
E cada palavra carrega a calma que antes eu buscava em lugares distantes.

Às vezes me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse escolhido diferente.
Mas percebo que o “e se” é uma forma elegante de tortura.
A vida aconteceu do jeito que precisava acontecer — nem mais, nem menos.

Hoje sou grato.
Grato pelas dores que me forjaram,
pelas perdas que me libertaram,
e até pelos silêncios que me ensinaram a ouvir.

Não tenho mais pressa de chegar a lugar nenhum.
O destino já não é geográfico — é interno.
E, pela primeira vez, sinto que estou onde deveria estar.

Entre o passado e o amanhã,
aprendi a viver o agora.
Sem urgência. Sem medo.
Só com presença.

E talvez seja isso o que o tempo sempre quis me dizer.

Epílogo

“Quando o silêncio vira eternidade”

Dizem que todo escritor escreve o mesmo livro a vida inteira — só muda as palavras.
Talvez seja verdade.
O primeiro Último Legado foi o grito.
Este segundo… é o suspiro depois da tempestade.

Hoje, não escrevo mais pra entender quem fui.
Escrevo pra agradecer por ainda ser.

A vida nunca foi justa.
Mas, olhando pra trás, percebo que ela sempre foi honesta.
Deu-me dor, pra que eu aprendesse empatia.
Deu-me solidão, pra que eu encontrasse a mim mesmo.
Deu-me amor, pra que eu entendesse que não estava só.

> No fim, tudo o que a vida quer é que a gente aprenda a viver de verdade —
mesmo que seja só nos minutos antes de partir.

Eu não sou mais aquele menino das vaquinhas invisíveis.
Nem o adolescente tentando provar que valia a pena existir.
Nem o homem que confundia barulho com presença.

Sou o resultado de tudo isso —
um mosaico de falhas, perdões e esperanças.
E, sinceramente, gosto do que vejo.

Se eu pudesse deixar um conselho a quem me lê agora, seria simples:
não se apresse em entender a vida.
Ela se revela sozinha, nos detalhes que você ignora,
nas pessoas que ficam,

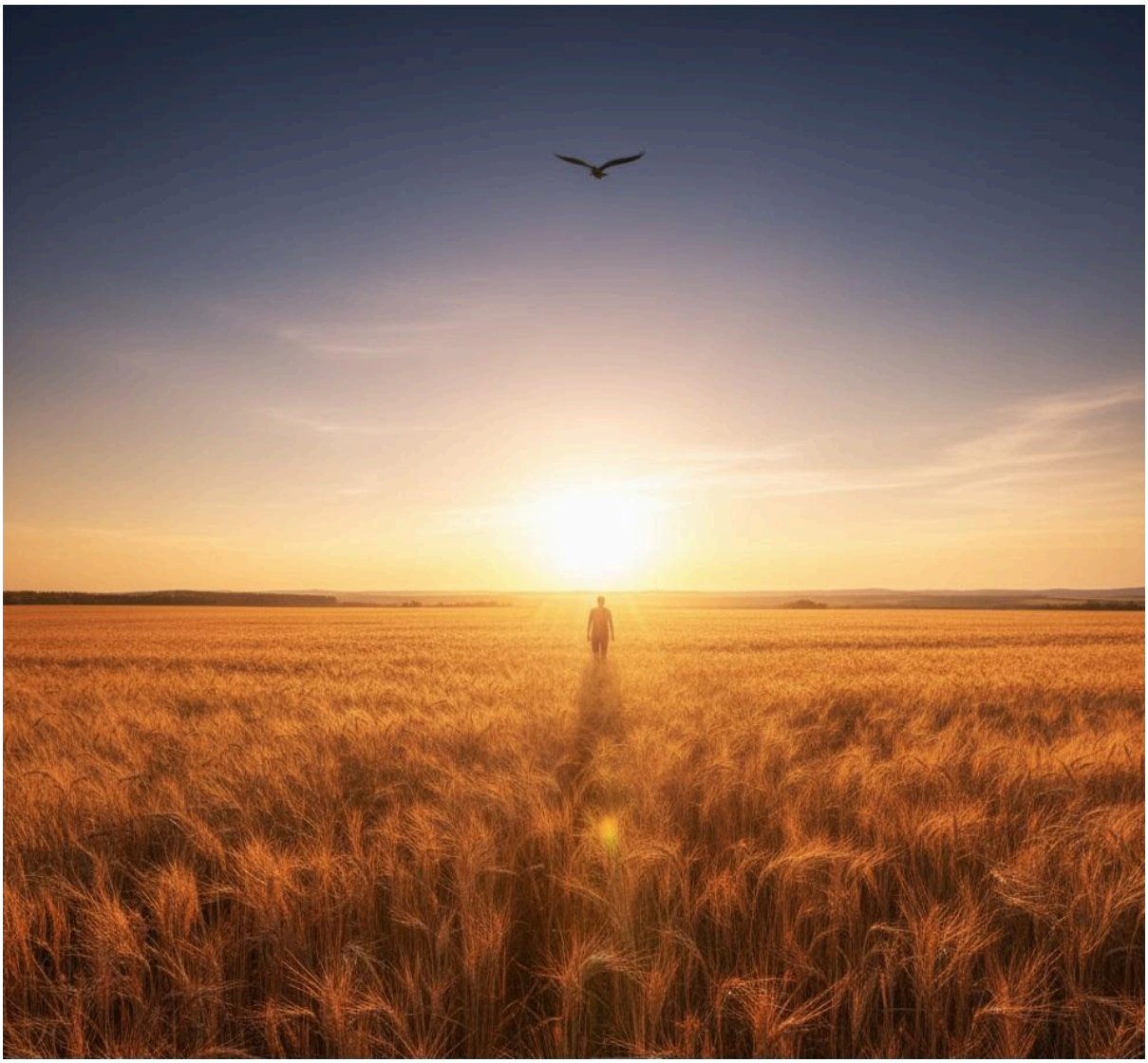
nos silêncios que curam.

O tempo não leva tudo — ele devolve o que somos, sem as máscaras.
E quando o espelho já não assusta, é sinal de que você finalmente voltou pra casa.

O Último Legado II não termina aqui.
Porque legados não terminam — eles se transformam.
Talvez, um dia, alguém leia essas linhas e sinta o mesmo que eu sinto agora:
que, apesar de tudo, valeu a pena.

E se isso acontecer,
então o silêncio que me acompanha há tantos anos
finalmente vai virar eternidade.

Leonardo Silveira Paines
Santa Maria, RS — 2026



Dedicatória

“Para onde o sangue e o tempo se encontram.”

À minha mãe,
que me ensinou, mesmo sem palavras,
que amor é insistência.
Que mesmo quando o mundo desaba,
há força suficiente no coração de uma mãe para erguer o impossível.

Ao meu pai,
que, com seus silêncios e suas falhas,
me mostrou que coragem não é ausência de medo —

é continuar, mesmo com ele.
E que ser homem é, antes de tudo, aprender a sentir sem vergonha.

À minha filha,
luz que me deu sentido quando o mundo perdeu cor.
Que carrega o melhor de mim,
e é a prova viva de que a vida sempre dá uma segunda chance de amar direito.

E — talvez um dia —
aos filhos, netos e bisnetos que virão,
que talvez encontrem este livro num futuro distante,
com cheiro de tempo e páginas amareladas.
Saibam que vocês já existiam em mim,
muito antes de nascerem.
Porque cada palavra que escrevi foi uma semente deixada para vocês.

Aqui, encerro o passado.
Não a vida.
Nem a escrita.

Este não é um ponto final —
é só o primeiro ponto de um novo parágrafo.

Com amor,
Leonardo Silveira Paines
Santa Maria, RS — 2026